

Plenitude do Sacerdócio de Cristo

*que encerra em si a Divindade
e o compêndio apertado de toda a criação,
em seu ser-se tão Deus como homem
e tão homem como Deus, sendo*

O Cristo Grande de todos os tempos

*pela plenitude da sua divindade
e a abrangência perfeita e consumada
da vida de todos os homens,
vivida por Ele em cada um dos momentos
da sua existência terrena,
na dimensão penetrativa e abrangente
de seu Canto divino e humano
em manifestação de Eternidade,
perpetuado durante todos os tempos
no seio da Santa Mãe Igreja*

Mãe

Trindade de la Santa Madre Igreja

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*Plenitude
do Sacerdócio
de Cristo*

*que encerra em si a Divindade
e o compêndio apertado de toda a criação,
em seu ser-se tão Deus como homem
e tão homem como Deus, sendo*

*O Cristo Grande
de todos os tempos*

*pela plenitude da sua divindade
e a abrangência perfeita e consumada
da vida de todos os homens,
vivida por Ele em cada um dos momentos
da sua existência terrena,
na dimensão penetrativa e abrangente
de seu Canto divino e humano
em manifestação de Eternidade,
perpetuado durante todos os tempos
no seio da Santa Mãe Igreja*



NOTA.- Podem existir discontinuidades na numeração por causa da eliminação de páginas em branco para esta edição digital.

Título original em espanhol:

"Plenitud del sacerdocio de Cristo"

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 22-8-2004

3ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»

«FRUTOS DE ORACIÓN»

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2010 LA OBRA DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: março 2000

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

Depósito legal: M. 33.540-2010

Imprensa: Fareso, S. A.

Paseo de la Dirección, 5. 28039

25-10-1974

PLENITUDE DO SACERDÓCIO DE CRISTO

Minha *alma-Igreja* necessita, pela exigência da perfeição para a qual Deus a criou, gozar e desfrutar na penetração saboreável do porquê de todas as coisas. E por isso, quando, em minha pequenez, intuo em saboreamento amoroso o porquê d'Aquele que É eternamente, adoro, desabada de amor, do modo mais perfeito que posso fazê-lo na terra, com o desfrute ditosíssimo de saber que a adoração é a resposta mais adequada da criatura diante da excelência perfeitíssima do infinito Ser. Só adorando meu espírito sente-se descansado, respondendo ao Amor eterno, em rendimento total com tudo quanto sou e possuo.

Mas também, quando entro no porquê da Encarnação, no seu modo de ser e na profundidade da sua realidade, ultrapassada, adoro transcendentemente, segundo a criatura é capaz de fazê-lo diante do Criador.

Mistério pleno de realidade, que, como manifestação do poderio e da magnificência do in-

finito Poder, encerra em si a realização perfeita do plano de Deus para com o homem...!: «Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. N'Ele nos acolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante d'Ele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça»¹. Porque na Encarnação é dito o romance de amor da mesma Trindade e toda a realidade divina e criada, contendo em si Deus dando-se ao homem e o Homem respondendo em doação de entrega ao mesmo Deus em Canção divina e humana.

Que concerto de harmonia, em teclar de inéditos matizes, encerra, no silêncio da sua transcendência, o mistério subjugador da Encarnação...! Nele Deus se diz ao homem tal qual é, e nele o homem responde em doação de entrega a Deus tão maravilhosamente que, na união e pela união indissolúvel e hipostática da natureza divina e da natureza humana, o mesmo Verbo infinito Encarnado do Pai é a Canção de retorno, em resposta ao infinito Ser.

A Trindade se dá ao homem por Cristo na Encarnação, e o homem é enxertado na Trin-

¹ Ef 1, 3-6.

dade por este glorioso mistério. Pelo que, o descanso da minha vida é adorar Deus pelo que é em si, por si e para si, e no mistério do Sacerdício de Cristo, realizado e compendiado na Encarnação.

Pelo mistério do Verbo Encarnado, descubro o compêndio apertado de todo o plano de Deus terminado com relação ao homem, na consumação da sua perfeição. Deus se fez Homem para que o homem, por Cristo, com Ele e n'Ele, fosse Deus por participação e, vivendo da perfeição eterna, cumprisse o plano para o qual foi criado: «A todos os que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome»². Cristo é Deus com toda a sua dimensão infinita dando-se ao homem, e é o Homem que, com a abrangência de toda a criação, entrega-se em resposta de amor por toda ela à coeterna e infinita Trindade, sendo Ele a segunda Pessoa da mesma Trindade.

O mistério da Encarnação é a manifestação da vida de Deus para fora, na sua Unidade de ser e na sua Trindade de Pessoas. Deus vive com o homem, por Cristo, toda a sua realidade; e o homem vive com Deus, por Cristo, da perfeição infinita, em intercomunicação familiar com todos os homens.

² Jo 1, 12.

Ó mistério transcendente da Encarnação, capaz de conter o incontido, porque é possuidor do mesmo Verbo infinito Encarnado, que, no seio de Maria, traz consigo o Pai e o Espírito Santo para morar na Senhora em recreio de amor e comunicação interfamiliar de vida trinitária e, pela Maternidade divina e universal de Maria, com todos os homens...!

Ó Mistério que faz possível que o Homem passe a ser o Unigênito do Pai, a Palavra expressiva que, em borbotões de ser, sai da sua Boca como manifestação candente de infinita sabedoria...! Mistério luminoso pelo qual o Eterno vive com os homens sendo um deles no tempo...!

O sacerdócio é união de Deus com o homem. Pelo que Cristo, que é por si mesmo a união de Deus com o homem, é a plenitude do Sacerdócio; sendo a unção da Divindade sobre sua humanidade tão transbordante, tanto, tanto...! que não tem mais Pessoa que a divina.

Que união a da Divindade e a humanidade, em Cristo...! Que perfeição de compenetração...! Que plenitude de realidade, pela qual, na Pessoa infinita do Verbo Encarnado, ficam encerrados, na e pela união das duas naturezas divina e humana, o Céu e a terra, o Criador e a criatura, a eternidade e o tempo, com tudo

quanto contém Deus e com tudo quanto contém a criação...!

«Cristo é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque n'Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis...; tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo n'Ele subsiste»³.

A plenitude do Sacerdócio de Cristo o faz ser: a Unção e o Ungido, a Divindade e a Humanidade, a Santidade infinita e o Recompilador dos pecados dos homens, a Adoração perfeita e o Derramamento de infinita misericórdia; e a Resposta que, em imolação sangrenta, satisfaz adequadamente à santidade do Deus três vezes Santo ofendida.

Ó plenitude do Sacerdócio de Cristo, que tem o poder de ser por sua Pessoa divina quanto pode ser na potência infinita, e de ser em si mesmo Homem, com a capacidade abrangente de todos os homens de todos os tempos, e com a resposta adequada à imensidade do Ser, em adoração e em derramamento sangrento de vítima redentora, podendo dizer com pleno direito: Eu sou o Sumo e Eterno Sacerdote, porque sou em mim e por mim e na perfeição da minha realidade Deus e Homem, com a possibilidade infi-

³ Cl 1, 15-17.

nita que Deus *se é* e *se tem*, e com a possibilidade máxima que o homem é e pode ser!

Jesus é tão Deus como Homem; podendo dizer pela plenitude do seu Sacerdócio: Eu sou Deus e Homem; Eu sou em mim a Unção sagrada e o Ungido; Eu sou o Doador infinito e o Recompilador de toda a humanidade; Eu sou o Plano de Deus terminado no modo perfeitíssimo que o infinito Ser inventou em sua eterna sabedoria, assim como a Resposta que Ele mesmo queria receber da humanidade. Ainda mais: Eu sou, por minha divindade, quanto sou na subsistência infinita que, como Palavra do Pai, d'Ele recebi; e Eu sou, como Homem, a Adoração perfeita diante da infinita santidade do sumo Bem ofendido; Eu sou a Complacência do Pai ao olhar para o Homem, porque em mim se vê tão maravilhosamente refletido, que gozosamente pode dizer: «Este é o meu Filho amado; n'Ele está meu pleno agrado»⁴.

Cristo é a Adoração perfeita do Pai que, diante da excelência da infinita Santidade, responde adequadamente à sua perfeição. E Deus descansa porque é adorado pela criatura como Ele infinita e eternamente se merece.

Jesus, Adoração do Pai, pela excelência inexaurível da sua santidade, diante desta mesma

⁴ Mt 3, 17.

Santidade ofendida e ultrajada, como manifestação amorosa, necessita repará-la, e, num supremo ato de adoração expiatória, morre, respondendo no grau mais perfeito que a criatura pode fazê-lo diante do infinito e coeterno Ser ofendido.

«Cristo veio como Sumo Sacerdote dos bens futuros... Ele entrou no Santuário uma vez por todas com o seu próprio sangue, obtendo uma redenção eterna»⁵.

A vida de Jesus, consumada passo a passo na sua dolorosa imolação, é a expressão soletrada em sangrenta dilaceração do amor de Deus, que, cheio de misericórdia, derrama-se sobre o homem; e é soletração de imolação que glorifica o mesmo Amor infinito ofendido.

Ó mistério secretíssimo da Encarnação, que contém o incontido e manifesta o não manifestável através das aparências simples, captáveis e vivas de uma humanidade tão maravilhosamente aderida à Divindade, que faz possível que Deus chore em Belém, rebente em sangue em Getsêmani e morra nu de todo consolo na dilaceração da cruz, como adoração perfeita de infinita reparação!

Ó «loucura» do Amor infinito...! Haverá algo que, uma vez que Deus se faz Homem, não seja

⁵ Hb 9, 11-12.

capaz de ser? E por isso, no derramamento desse mesmo Amor, se faz Pão, Vinho e Prisioneiro dos nossos sacrários na prolongação dos séculos que Ele mesmo encerra em si, para ser, através do mistério da Eucaristia, o Cristo glorioso, mas imolado, que nos canta, num hino de glória, seu amor infinito.

«Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que Eu darei é a minha carne para a vida do mundo»⁶.

Minha língua pobrezinha quereria romper num cântico pleno de delirantes melodias..., quereria teclar inéditos concertos..., para dizer, no meu modo de ser e expressar, algo da transcendência que aos pés do meu Sacrário, iluminada pelo Espírito Santo, concebo do inexaurível mistério da Encarnação, manifestado amorosamente na vida de Cristo durante seus trinta e três anos, enchendo a perfeição da sua imolação com sua morte na cruz e perpetuado durante todos os tempos na Igreja.

Que grande é Cristo...! Que transcendente o mistério que encerra...! Que plena e esmagante a sua realidade...! Que pode ser em si que não seja, se é por sua Pessoa divina tudo quanto pode ser na mesma possibilidade infinita de

⁶ Jo 6, 51.

Deus, e por sua humanidade tudo quanto o homem pode ser em sua possibilidade criada...? Como Deus, vive em união com o Pai e o Espírito Santo na intercomunicação familiar da sua vida trinitária; e como Homem, na união familiar de todo aquele que, aderindo-se a Ele pelo mistério da Igreja, é tão uno com Ele, que é parte do seu Corpo Místico, passando a ser membro seu pelo compêndio apertado do mistério da Encarnação. «Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos»⁷.

Cristo também é a Abrangência apertada de todos os tempos com todos os homens, abrangendo, no compêndio da sua realidade, a criação. Porque Ele é o Cristo Grande que, na perpetuação do mistério da Igreja, tira os impedimentos da distância e do tempo para aquele que, enxertado n'Ele, vive-o como seu membro na realidade apertada que Ele em si contém.

Ó mistério avassalador da Encarnação que faz possível que o Deus-Homem, pela perfeição abrangente da sua humanidade, encerre em si os homens de todos os séculos, fazendo desaparecer, pela plenitude da extensão da sua graça, até o tempo com a distância da sua prolongação...!

⁷ 1 Cor 12, 27. 7.

Não existe, para o Cristo Grande de todos os tempos, nenhum impedimento que o separe nem um triz de nenhum dos seus filhos, porque todos estão contidos n'Ele, fazendo-os viver da plenitude do seu Sacerdócio diretamente no manancial insondável e inesgotável do seu derramamento.

Assim como as três divinas Pessoas, tendo um só ser, vivem na intimidade da sua vida trinitária *sendo-se* toda a sua inexaurível perfeição, no mistério de Cristo todos somos um com Ele, de um modo tão perfeito, apertado e interfamiliar, que Ele é a Cabeça de todos seus membros; formando o Cristo Grande de todos os tempos, e sendo capazes, pelo mistério maravilhoso da Encarnação, de viver por Cristo, n'Ele e com Ele, em intercomunicação de vida familiar entre todos nós e, enxertados em Cristo como os ramos na videira⁸, com o Pai e o Espírito Santo: «Pai, que eles sejam um assim como nós somos um»⁹.

«Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e Eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer»¹⁰.

Que grande é a Igreja, perpetuação viva e vivente de Cristo conosco, abrangência do seu mistério e doação de todo ele em todos e cada um dos momentos de nossa vida...!

⁸ Cf. Jo 15, 5.

⁹ Jo 17, 11.

¹⁰ Jo 15, 5.

Por meio da Igreja, Cristo está conosco durante todos os tempos; e nós com Ele no seu, passando a ser o tempo, que aparentemente separa-me de Cristo, como um fantasma de imaginação que fica reduzido ao nada pela grandeza da minha vida de fé, esperança e caridade, a qual me faz viver Cristo sem fronteiras, sem distâncias e sem nada que se interponha entre Ele e eu. Porque, afundada na concavidade profunda do seu lado aberto, bebo a borbotões do manancial da sua vida infinita que, brotando do peito da Trindade, por Ele se dá a mim em saturação de divindade. E também no seu lado aberto, sacio-me da plenitude do seu Sacerdócio, que, em derramamento de imolação, responde, num hino de adoração, ao Amor infinito ultrajado, em entrega perfeita.

Minha *alma-Igreja* sacia toda a sua sede torturante aos pés do sacrário junto ao Deus chagado que, diante da infinita Santidade ofendida, morreu como hino de glorificação sangrenta.

Ó se eu pudesse dar graças a Deus pelo derramamento do seu amor, pela plenitude de quanto Ele é em si, e pela magnificência de quanto em seu mistério concebo!

«Por essa razão eu dobro os joelhos diante do Pai –de quem toma o nome toda a família no céu e na terra–, para pedir-lhe que Ele conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito

no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o cumprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus»¹¹.

Meu pobrezinho ser não é capaz de realizar o que necessita, pela pequenez da minha abrangência. Mas, não importa; aí está Cristo, que é a Ação de Graças plena, respondendo a Deus tão perfeitamente, que, em seu retorno, canta-lhe o Cântico infinito que só Ele pode cantar-se. E é tão grande e real a plenitude do mistério da Encarnação, que por ele, quando o Pai me olha, em mim vê Cristo, e me vê tão feita uma coisa com Ele, que sou um dos membros do seu Corpo Místico, podendo minha *alma-Igreja*, cheia de gozo na saturação da sua sabedoria, escutar o Pai chamar-me: Filho meu, recreio de suas complacências e imagem da sua perfeição.

O que és Tu, Jesus, que me fizeste contigo palavra viva que expressa a Deus em resposta de glorificação amorosa...? O que és Tu, Jesus, que me deste possibilidade, pela participação do teu Sacerdócio, de ser redenção dos homens? O que és Tu, Jesus...? O que és Tu, Jesus...?

¹¹ Ef 3, 14-19.

Eu hoje, ultrapassada pelo compêndio apertado que de Ti compreendo por minha vida de fé, adoro-te do modo descansado que a criatura, enxertada em Ti, pode fazê-lo.

Obrigada, Senhor, porque em Ti já posso adorar Deus como necessito, porque em Ti, participando da plenitude do teu Sacerdócio, posso sentir-me adoração que, em ação de graças e reparação, responde ao Amor infinito ultrajado. Obrigada, Jesus, porque em Ti e por Ti, posso ser alimento de vida em derramamento abundante de divindade para todos os homens, sem distância de tempo e lugar.

Desde o mistério da Encarnação transcende-se ao Incriado, mas no segredo profundo do seio de Maria, onde a Trindade está coberta pelo manto intocável da virgindade da Senhora.

Deus vive no ocultamento velado da sua virgindade infinita no *Sancta Sanctorum* da sua santidade eterna, envolto no Templo transcendente de seu infinito ser. Ninguém pode entrar nele sem ser introduzido pelo braço onipotente do seu poder, em derramamento de misericórdia eterna.

Mas Deus quis que entrássemos pelo convite da sua Palavra Encarnada, e, para isto, buscou-se a maneira de dar-se-nos envolvido no *Sancta Sanctorum* do seio de Maria, coberto

pelo véu imaculado da sua esplendorosa virgindade. Pelo que, para descobrir e entrar no profundo de Deus, necessita-se ser introduzido pela mão amorosa da Maternidade de Maria.

Toda a grandeza de Nossa Senhora, que também como a de Cristo foi manifestada em Belém, no Calvário e na sua gloriosa assunção ao céu, vem-lhe pelo mistério da Encarnação na plenitude do Sacerdócio de Cristo.

Também Maria tem um sacerdócio que se chama: Maternidade divina; porque foi tão plenamente ungida pela Divindade, que pode dizer com pleno direito ao Filho de Deus: Filho meu, com o mesmo direito com que o pode dizer ao Filho do Homem. «O Espírito Santo virá sobre Ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer de Ti será chamado Filho de Deus»¹².

Em Maria, seu sacerdócio chama-se: Maternidade divina, porque é o meio por onde Deus une-se ao homem e o homem fica enxertado, por Cristo, em Deus. E Ela, sendo Mãe do mesmo Deus Encarnado, pelo Sacerdócio de Cristo, responde com Ele, como Mãe na plenitude da sua maternidade sacerdotal, em adoração, ação de graças e reparação, pela oferenda de seu Filho infinito Encarnado, feita ao Pai. E assim

¹² Lc 1, 35.

como Deus pode dizer ao encarnar-se: Eu sou Deus e Homem na plenitude do meu Sacerdócio, em Maria, a sua maternidade é tão maravilhosa, tão divina, que a faz com pleno direito ser Mãe de Deus e Mãe do Homem. Todo o demais n'Ela é conseqüência do obrar perfeito de Deus em derramamento sobre sua maternidade. Ó Maternidade divina de Maria, sobejante de plenitude e saturada de sacerdócio...!

Tudo o que em Cristo vimos do seu Sacerdócio no mistério da Encarnação, através da união das duas naturezas na pessoa do Verbo, pode-se aplicar à Maria, no modo e no grau da sua Maternidade divina, pela perfeição do seu sacerdócio, que faz possível que n'Ela, por Ela e através da sua Maternidade divina, realize-se o inconcebível: Deus que diz: Eu sou Homem; e o Homem: Eu sou Deus; Maria que diz a Deus: Filho meu!; e Deus à Maria: Minha Mãe! O dito de Deus não é como o nosso, senão que, segundo a perfeição do seu infinito ser, quando fala, realiza o que diz em realização terminada de quanto pronuncia.

Deus fez Maria tão perfeita, à imagem de sua eterna Virgindade, que lhe disse sua Palavra tão infinitamente, que Maria, no amor do Espírito Santo, pelo seu toque de fecundidade em seu seio, rompeu numa fecundidade de virgindade tão plena, que foi, com pleno direito, Mãe do Unigênito do Pai, Encarnado.

Pelo que, se Cristo é Redentor, Maria Co-redentora; se Cristo é a Adoração, Maria Adoradora; se Cristo é a Vítima, Maria o oferece e se oferece com Ele ao Pai, em função de seu específico e peculiar sacerdócio, com o direito que sua maternidade lhe dá.

«Simeão abençoou-os e disse a Maria, a Mãe: “Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição, – e a Ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações”»¹³.

Porque se Cristo é, por seu Sacerdócio, a abrangência e realização de todo o plano de Deus para com o homem, o é por Maria e pela sua Maternidade divina, onde realiza-se a união do homem com Deus com toda a abrangência de doação infinita que isso encerra. Deus se dá a nós por Maria e levanta-nos para si, sublimando-nos tão maravilhosamente, que nos introduziu na profundidade profunda do seu peito.

Minha alma pobrezinha, diante do mistério da Encarnação realizado no seio de Nossa Senhora, sente-se desabar em amor a Deus, a Cristo e à Maria, sabendo, no saboreamento experimental do meu ser de Igreja, que, aconchegando-me em

¹³ Lc 2, 34-35.

minha Virgem Mãe, poderei, sem morrer, contemplar na terra o mistério transcendente da Encarnação.

Maria é a tocha da minha vida, a vereda do meu caminhar, o amparo em meus perigos, a maternidade da minha filiação, a nova Mulher pela qual vivo de Deus no saboreamento profundo do seu mistério. E, na medida em que saiba adentrar-me no seio da minha Virgem Branca, ser-me-ão dados e manifestarão na terra todos os mistérios do infinito Ser, que, no derramamento pleno do Sacerdócio do Filho da Virgem, soletra-se-me desde seu seio, com coração de Mãe e amor de Espírito Santo.

Que simples é o plano de Deus...!, que terno...!, que doce...!, que maternal e que amoroso...! Era necessário que Deus se desse aos homens com coração de Mãe e amor de Espírito Santo. E isto na terra chama-se: Maria!, que, levantada até o recôndito do peito de Deus, é toda Ela Maternidade divina, capaz de arrancar ao Pai Eterno o Filho infinito das suas entranhas e trazê-lo a nós para que nos dissesse, em soletração de amor, seu romance de doação eterna.

A virgindade de Maria foi tão rica na adesão de todo seu ser ao Infinito, que fez possível que o beijo intocável do Espírito Santo a fizesse romper em Maternidade divina, e, por esta maternidade, Deus fosse Homem.

Como quererão os homens manifestar o verdadeiro rosto da Igreja, ocultando e querendo fazer passar despercebido o brilhantismo da grandeza de Maria? Onde encontrará sabedoria divina aquele que não sabe recebê-la na ânfora preciosa onde a Eterna Sabedoria encarnou-se para manifestar-se em esplendores de santidade sob a rompente infinita da sua explicativa Palavra?

Minha alma, criada para o Sumo Bem, lança-se ao peito de Deus, nos braços de Maria, e Ela, introduzindo-me no recôndito da sua maternidade, impulsiona-me para o mesmo Deus, para que, adentrando-me nos mananciais de seus inesgotáveis afluentes, contemple, viva e participe d'Aquele que É eternamente fluindo em três Pessoas.

Ó fecundidade de Maria, que faz que o Verbo infinito do Pai seja pronunciado nas suas entranhas virginais tão maravilhosamente que, no requebro gozoso do Amor eterno, seja realizado o grande mistério da Encarnação e, por seu parto glorioso, manifestado a todos os homens...!

Quantas vezes, iluminada pelo Espírito Santo, compreendi, subjugada de amor, que tudo o que Deus me deu, me dá e me dará, será por e através da maternidade de Maria, e que na medida em que viva minha filiação com Ela, Deus comunicar-se-á a mim. Maria leva-me a Deus, e eu, como criatura pequenina, possuo

o impossível na medida e dimensão que me introduzo no *Sancta Sanctorum* das entranhas virginais de Nossa Senhora.

A Encarnação, em Cristo, é mistério de sacerdócio; e em Maria, por sua maternidade, é também mistério de sacerdócio.

Por seu Sacerdócio, Cristo diz ao Pai: Eu sou o Homem; e aos homens: Eu sou Deus; com tudo o que isso encerra de doação por parte do mesmo Deus, e de resposta em adoração, ação de graças e reparação, por parte do Homem.

Por seu sacerdócio, Maria é Mãe de Deus, e Deus, Filho de uma Mulher, dando o Verbo Encarnado tal plenitude à maternidade de Maria, que, por sobreabundância extensiva desta plena realidade, a Virgem é Mãe de todos os homens. Mistério inefável do infinito amor de Deus...! Quem poderá conhecê-lo sem fazer-se tão pequenino que seja capaz de perder sua pobrezinha compreensão e, aderindo-se à de Maria, vislumbrar n'Elas e com Elas todos os mistérios divinos? Deus deu à sua Mãe uma compreensão tão grande dos seus mistérios, que a fez conter o incontido, do modo transcendentemente inimaginável que corresponde à sua Maternidade divina.

O sacerdócio é união de Deus com o homem, pelo que Cristo, que é por si mesmo a

união de Deus com o homem, é a plenitude do sacerdócio. Mas, como esse sacerdócio é realizado pela Maternidade divina de Maria, n'ela e por Ela Deus une-se ao homem.

Pela plenitude do Sacerdócio de Cristo, a virgindade de Maria, ao romper em Maternidade divina sob a ação fecunda do Espírito Santo, é maternidade de sacerdócio; distinto do sacerdócio ministerial do Novo Testamento, o qual é prolongação e perpetuação do sumo e eterno Sacerdócio de Cristo.

Cristo é Sacerdote na plenitude da união da natureza humana e divina na sua Pessoa; e Maria, da dimanação do Sacerdócio de Cristo, recebe um sacerdócio peculiar que se chama: Maternidade divina, em união indizível com o Sumo e Eterno Sacerdote.

Assim como o Sacerdócio de Cristo, desde o momento da Encarnação, foi perpetuado durante todos os séculos, recompilador de todos os tempos e doador para todos os homens, assim a maternidade de Maria, desde o momento da Encarnação, na plenitude deste mistério, encerra, pela inserção de todos os homens em Cristo, a possibilidade abrangedora de conter, sob o influxo da sua maternidade, todos os tempos com todos os homens em cada um dos momentos de suas vidas; nas quais, pela Igreja e através da sua Liturgia, se lhes faz vivível, captável, e ainda mais, presente e real, ainda

que misteriosamente, todo o mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, no compêndio apertado da maternidade de Maria. Pelo que a irradiação desta maternidade se dá a nós e perpetua no seio da Igreja, em e através dos atos litúrgicos, pela abrangência do mistério da Encarnação, que, realizando-se em Maria, a faz ser Mãe universal, repleta de sacerdócio pela sua Maternidade divina.

Cristo *se é* quanto é no seio de Maria, desde ele e por ele e através da sua Maternidade divina; e, por esta maternidade, Ele se dá a nós em cada um dos atos da sua vida privada e pública, e ainda mais, perpetua-nos toda a sua realidade pela Liturgia durante todos os tempos.

Ó Maternidade divina de Maria, desconhecida, abrangência apertada do mistério da Encarnação e extensão perpetuada deste mesmo mistério, que por meio de ti se dá aos homens sob a ação santificadora, extensiva, abrangente e vivificante do Espírito Santo...! Ó sacerdócio pleno da maternidade de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação...! Deixa-me que, bebendo no manancial da tua virgindade, eu me sature tão maravilhosamente, que, participando da tua fecundidade, dê à luz Cristo nas almas e seja perpetuação, pela minha inserção n'Ele, da tua maternidade que me faz também romper em fecunda maternidade espiritual.

Já tenho modelo, no seio da Igreja, para minha alma de virgem-mãe. Já encontrei, por Cristo, em Maria, a plenitude do meu sacerdócio, o descanso da minha virgindade e a plenitude da minha fecundidade; tendo em Maria e por Maria meu modo peculiar para responder a Deus em adoração, que necessita, com Ela e como Ela, vitalizar seus filhos e apresentar-se com eles, na peculiaridade do sacerdócio de cada um, diante da infinita Santidade como resposta de ação de graças, cantando-lhe um hino de perfeito louvor para sua glória.

Que grande é a Encarnação que, no compêndio da sua realidade, faz-nos viver mistérios inconcebíveis de doação e resposta...!

Pela plenitude do Sacerdócio de Cristo, todos somos capazes de possuir Deus, sendo por Cristo, com Ele e n'Ele, sacerdotes, na diversidade de maneiras que, no seio da Igreja, Deus pôs para todos e cada um dos seus filhos.

«Mas vós sois a gente escolhida, o sacerdócio régio, a nação santa, o povo que Ele conquistou, a fim de que proclameis os grandes feitos daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa»¹⁴.

O sacerdócio tem seu modo peculiar no derramamento da unção sagrada sobre o homem,

¹⁴ 1 Pd 2, 9.

que, segundo a vontade de Deus, dá-se de uma ou outra maneira a cada um para a realização do seu plano eterno.

O sacerdócio é intrinsecamente união de Deus com o homem e do homem com Deus. Por isso Cristo, que é a plenitude desse Sacerdócio, é em si Deus-Homem.

À Maria, seu sacerdócio a fez ser Mãe de Deus e Mãe do Homem, numa maternidade tão plena, que em seu seio realizou-se a unção da Divindade sobre a Humanidade, em realidade plena de sacerdócio.

Por isso, quando Deus unge o sacerdote do Novo Testamento, unge-o para si, para que seja Cristo diante dos demais, e para que, com a força e o poder desta graça, recolha todos os homens e os leve a Ele.

«Como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo. E, por eles, a mim mesmo me consagro para que sejam consagrados na verdade»¹⁵. «Quem vos recebe, é a mim que está recebendo; e quem me recebe, está recebendo Aquele que me enviou»¹⁶.

Que grande é o sacerdote do Novo Testamento, que, pela unção sagrada, desde o dia da sua ordenação, pode dizer: «Este é meu Corpo», «Este é meu Sangue» e realizar nova-

¹⁵ Jo 17, 18-19.

¹⁶ Mt 10, 40.

mente o mistério da encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo, diante de Deus e entre os homens...! Que grandeza a do sacerdote, que é capaz de perpetuar Cristo entre nós; e ainda mais, de ser Cristo entre os homens, com a plenitude e fartura da participação de seu Sacerdócio...!

O dito de Deus, no derramamento da sua vontade infinita, realiza o que diz. Pelo que, o sacerdote do Novo Testamento, com a força da unção da Divindade sobre ele, é capaz de renovar em perpetuação, quanto durem os séculos, o mistério da Encarnação que, realizado pela Maternidade de Maria, se dá a nós com a abrangência da vida, morte e ressurreição de Cristo.

É o sacerdote quem, através da Liturgia, perpetua Cristo entre os homens, o que realiza o que só Cristo pode realizar, num «dizer» que é realizar-se o mesmo Cristo em tudo o que é como Sumo e Eterno Sacerdote, com o poder da sua graça, para o bem da humanidade.

«Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus»¹⁷.

¹⁷ 2 Cor 5, 18. 20.

E por isso, o sacerdote tem o poder de perdoar os pecados, de levantar o homem caído e fazê-lo filho de Deus, realizando milagres que só o Unigênito do Pai, pela força do seu Sacerdócio e na plenitude do mesmo, é capaz de efetuar.

Ai sacerdote, sacerdote do Novo Testamento...! Como há de conformar-se toda a tua vida à realização do poder da graça que sobre ti caiu no dia da tua ordenação sacerdotal...! Ai sacerdote de Cristo, realidade desbordante de perfeição inconcebível...!

Ó Pastores da Santa Mãe Igreja de Deus, possuidores da plenitude do sacerdócio, continuadores dos Apóstolos, portadores do seu pastoreio...!

Ó maravilha da infalibilidade do Papa, que, por ser o Supremo Pastor, possui e é capaz de congregar todos os homens num só pensamento, e expressar-lhes, com segurança, a vontade infinita de Deus, através da sua palavra de homem...!

Dá-nos, Senhor, saber apreciar teu amor infinito, que, realizando o que diz, faz-nos cada um, segundo o modo peculiar e particular da tua vontade, participar de Cristo no seio da Igreja para tua glorificação e na realização do teu plano eterno sobre os homens.

Todos os cristãos, pela unção da Divindade que se derrama sobre Cristo, como Cabeça do

Corpo Místico, e por meio da Maternidade de Maria, recebemos da plenitude do Sumo e Eterno Sacerdote um sacerdócio real para a saturação de nossas vidas e vitalização de todo o Povo de Deus.

«Tu és digno de receber o livro e abrir seus selos, porque foste imolado, e com teu sangue adquiriste para Deus homens de toda a tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste para o nosso Deus um reino de sacerdotes. E eles reinarão sobre a terra»¹⁸.

Porque, assim como «o óleo fino que jorrava desde a cabeça de Aarão, empapava todas as suas vestes chegando até o extremo»¹⁹, assim todos nós, enxertados em Cristo, somos empapados da plenitude da sua divindade, participando do seu Sacerdócio.

Pelo batismo, todos temos nosso sacerdócio misteriosamente recebido de Cristo, e, na medida em que nos vamos abrindo à doação infinita, vai-se fazendo mais fecundo, mais pleno e mais glorificador para Deus, em extensão de vitalização para os homens.

A Cristo, seu Sacerdócio vem-lhe pela união das duas naturezas na pessoa do Verbo, que o faz poder dizer, em direito pleno de realidade: «Eu sou Deus e Homem».

¹⁸ Ap 5, 9-10.

¹⁹ Cf. Sl 132, 2.

À Maria, o derramamento do seu sacerdócio dá-lhe a capacidade de chamar Deus: Filho meu!; e de que o Filho de Deus a chame Mãe, como manifestação do que é.

Ao sacerdote do Novo Testamento, a sua participação do Sacerdócio de Cristo capacita-o para dizer: «Este é meu Corpo», «Este é meu Sangue», e para realizar, entre os homens, a perpetuação de Deus conosco, de tal forma que nos faça ser membros vivos de Cristo na realidade do seu Corpo Místico.

A plenitude do Sacerdócio de Cristo é tão imensa, que, dele, todos os cristãos recebemos nosso sacerdócio, capaz de fazer-nos viver a sua vida, a sua tragédia e a sua missão em união com Ele mesmo e, por Ele, com o Pai e o Espírito Santo, e em intercomunicação de bens com todos os homens de todos os tempos que, aderindo-se a Cristo, passam a ser membros seus.

Qual foi a postura da alma Cristo no momento da Encarnação? Receber Deus e, aderindo-se a Ele, responder-lhe adorando-o num hino de louvor como reparação à sua infinita santidade ofendida; e, nesse mesmo instante, dirigir-se aos homens e, como Deus, dar-se-lhes em doação, fazendo-a extensiva a todos eles na prolongação dos séculos, pela Igreja.

Ó momento transcendente da Encarnação, que faz Cristo recolher também todos os ho-

mens e, encerrando-os no compêndio da sua perfeição, retornar-se à infinita Santidade como Resposta de todos eles e como Oblação do seu Sacerdócio diante da excelência do infinito Ser, para dar-lhes de beber da abundância de seus mananciais, da plenitude da sua divindade...!

Maria foi só uma adesão a todos os movimentos da alma de Cristo em sua vida, missão e tragédia, com o matiz de Virgem-Mãe; sendo esta também a postura do sacerdote do Novo Testamento, à qual deve conformar toda a sua vida.

E como do Sacerdócio de Cristo todos os que estamos n'Ele recebemos um sacerdócio real, por Cristo, com Ele e n'Ele, nossa vida há de ser: glorificação de Deus, em extensão do seu Reino, como louvor da sua Glória.

«Também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo»²⁰.

Que grande é o mistério da Encarnação, pelo qual todos formamos um Povo sacerdotal repleto e saturado de Divindade! Que grande é a Igreja, que é a que contem de todo o compêndio da doação de Deus em derramamento sobre o homem, que, remansado em seu seio,

²⁰ 1 Pd 2, 5.

perpetua-se em realidade viva e vivente de infinita doação!

Obrigada, Senhor, porque hoje, ao compreender mais profundamente o mistério do sacerdócio, sinto-me imensamente feliz por ser a mais pequenina no seio da Igreja. Que ditosa sinto-me de que a Igreja tenha uma plenitude tão grande de sacerdócio pela diversidade de maneiras e estilos de possuí-lo...!

Hoje compreendi ainda mais claro como eu só sou «o Eco da Igreja» que, em repetição cantora, pela participação do meu sacerdócio, manifesto o compêndio apertado da riqueza que, no seio da Igreja, Deus depositou.

Minha missão é repetir, em minha fidelidade de «Eco», a plenitude da sua riqueza, e por isso soletro como posso a grandeza do Sacerdócio de Cristo, a brilhantez da Maternidade divina de Maria e a diversidade de maneiras de sacerdócio que no seio da Igreja se encerram. Hoje compreendi ainda melhor a diferença entre o Sacerdócio de Cristo e o de Maria, entre o sacerdócio ministerial do Novo Testamento e o de Maria.

Que grande é Deus na perfeição do seu ser, na intercomunicação familiar da sua vida e na manifestação esplendorosa de seu poder, que faz de Deus, Homem; do homem, Deus; da

criatura, Mãe do Incriado; do Incriado, Filho da criatura; do homem, perpetuador do mistério de Cristo pela participação do seu Sacerdócio; de Cristo, Cabeça de todos os membros do seu Corpo Místico; e de todos os homens, parte de Cristo na dimensão do mistério da Igreja!

Eu hoje, como «Eco da Igreja», pela participação do mistério do Sacerdócio de Cristo e da maternidade sacerdotal de Maria, unida a todos meus filhos, apresento-me diante do Amor infinito com o modo peculiar do sacerdócio de cada um deles e com a variedade dos seus matices; e, na plenitude da sua abrangência, respondo a Deus, em nome de todos eles, por eles e por mim, em adoração que necessita ser imolada pela Igreja, como um hino de glória à infinita Santidade. E em meu hino de louvor, subjugada pela excelência da majestade de Deus, corro a todos os confins da terra com a plenitude que me deu minha maternidade sacerdotal no seio da Igreja, para saturar todos os homens da divindade que, brotando do peito de Cristo, por Maria e através do sacerdócio, se comunica a nós em perpetuação vivente e misteriosamente real durante todos os tempos.

Que grande é o compêndio apertado que encerra a Igreja em seu seio...! Que repleto de Divindade...! Que saturante de felicidade...! E que poucos saciam-se em seus mananciais por não descobrir a torrente de suas águas!

29-9-1976

SÃO DURAS AS MINHAS SAUDADES...

São duras as saudades do meu ferido coração... Espero, sem cansar-me, em promessas carregadas de anelos que o Amor infinito disse à minha alma em ternas doações que exigem do meu ser retorno.

Eu escuto em meu interior a melodia da sua voz doce e serena, em delícias de ternas complacências. E conheço o rangido do ímpeto candente dos seus fogos, como conheço o passar do seu fragor impetuoso, como furacão, por suas glórias impelido.

O tempo ensinou-me que é paciente e espera, em anos longos carregados de mistérios, o Amador que me mostra seus segredos entre nuvens, atrás de tênues véus escondido.

Mas também conheço a excelsa excelsitude do Coeterno na excelência do seu *ser-se* o Imenso, donde, em Família, em posse perfeita, Deus *se é* Beijo divino na sapiência da altura do seu Seio.

Eu sei que entre Aquele que É e minha pobreza, na vileza do meu ser entorpecido, existe infinitude de distância diante da sua alteza, pois o vi, ainda que envolvida pelas sombras da fé, no desterro obscuro em que ainda vivo.

E vi os Lumes dos seus Olhos, o Manancial das suas eternas Fontes; bebi na rachadura do seu peito, saciando-me, em doces saboreamentos, com o néctar daquele Manjar divino que embriaga em doçura dos céus; e caminho, no desterro, trêmula, porque posso perder Aquele que possuí, enquanto viva na noite da morte e envolvam-me ferozes inimigos.

Eu busco ser-lhe fiel em cada instante, chegando até o final do meu destino, onde me espera, com seu peito aberto, Aquele que É eternamente, envolto em seu imenso poderio.

Hei de passar veredas pedregosas, cruzando profundos abismos, em noites de silêncios prolongados, sem estrelas nem luas que iluminem meus caminhos... E se amanhece o dia que aflige no deserto e que quereria abrasar meu peito ferido, hei de buscar o oásis d'Aquele que, com sua sombra, fez-se para mim eterna Fonte e Pão divino...

É duro o arquejar da minha carreira, com meu pisar, cansado e dolorido, pelos longos trajetos que conduzem ao dia da eterna fronteira, onde mora quem eu anseio...!

É do agrado d'Aquele que me chamou por meu nome, mostrar-me suas grandezas, traçar-me meus caminhos, encher-me de promessas, gravando com profundas petições na minha entranha aquilo que quis para mim e os que me acompanham.

Mas goza quem me ama, em dizer-me que é Ele quem em mim obra, e por isso gosta de deixar-me na pobreza do meu nada...

Quando o olho, minha alma rompe em vôo subindo até sua alteza... Quando a mim volto, descubro minhas pobrezaas, meus modos toscos, meu rude entender!, e envolvo no silêncio das minhas penas profundos gemidos... Porque, ao tocar mistérios transcendentés na excelência do Excelso em vida e expressá-lo em meu modo reduzido, parece que profano as eternas grandezas, e que as mancho diante do meu ser torcido...!

Mistério que não cabe em meus contornos, que transborda minhas pobres contenções, por ser o mesmo Deus, que é infinito, quem aproxima-se de mim em doação de doces petições, pedindo ao meu pobre ser que colabore, em meu saber, com seu poder, a seus desígnios!

Se eu dissesse de algum modo isto que encerro..., aquilo que me oprime na profundeza profunda do meu peito...!

Se expressasse o que oculto em meus silêncios, sem dar-lhe forma por não ter palavra que decifre quanto neles se encerra, contido na profundidade do meu peito emudecido...!

Eu sei que Deus é grande e é eterno na magnificência excelsa de seu imenso poderio; que tudo pode pela sua excelência eterna, que tudo é em seu *ser-se* infinito e possuído...

Eu sei também, de um modo muito concreto, que sou o nada, e Ele o Tudo que em meu peito aninho.

EM BEM-AVENTURANÇA CONVERTEU-SE MINHA CULPA PARA MINHA ALMA DOLORIDA DIANTE DE JESUS CRUCIFICADO

O mistério maravilhoso da encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo, foi realizado pelo poder infinito e coeterno da adorável Trindade, em consequência e como consequência de ter-se rebelado a criatura contra a vontade infinita da Excelência de Deus, ofendendo a sua subsistente e infinita Santidade; para redimir-nos e reconciliar-nos novamente com Ele, e para a realização dos seus planos eternos, perfeitos e acabados, sobre nós, ao ter-nos criado à sua imagem e semelhança para que o possuíssemos.

Se o homem não tivesse pecado, Deus não se teria encarnado, nem teria tido, para a manifestação do esplendor da sua glória em desbordamento de compaixão, que derramar-se sobre nossa miséria; a qual levou o Cristo do Pai, o Ungido de Iahweh, à morte ignominiosa de crucificação, como vítima expiatória de reparação infinita diante do Deus três vezes Santo

ofendido; e, como Cordeiro imaculado, a oferecer sua vida em imolação como resgate que tira os pecados do homem caído ao rebelar-se contra o Criador.

Pelo que minha alma, diante da consideração desta terrível, mas dramática realidade, agradece a Deus, exultante de gozo, com hinos e cânticos de louvor e sob a limitação da minha nulidade, com espírito adorante e contrito, humilhada diante da miséria do meu nada, reverente, trêmula e assustada, que o Verbo se fizesse carne e habitasse entre nós.

Mas, por meu amor por Ele e o drama da minha culpa por ter-lhe ofendido, ainda que tenha sido tão benéfico para mim o mistério da sua encarnação, vida, morte e ressurreição; teria preferido ficar mais pobre, ao não ser filha de Deus, enxertada em Cristo por Ele, com Ele e n'Ele, que a consequência de que, para salvar-me, tenha-se tido que realizar, para a glória do Nome de Iahweh, a doação de Deus, reparando meus pecados, em redenção de dilacerante crucificação;

compreendendo que a Santidade infinita ofendida exigia, por perfeição da sua mesma natureza divina, reparação infinita diante da rebelião da criatura ao seu Criador; e, portanto, um Restaurador infinito, do modo e da maneira que, ao que é Amor e pode e é Amor e ama, exige-lhe a sua perfeição ao querer-se derra-

mar, desde a excelência da sua Santidade coeterna e infinita, sobre a dilaceração de nossa miséria, para o esplendor da sua glória em desbordamento de compaixão misericordiosa sobre a ruindade, pobreza e desacato de nossa miserável rebelião.

Pelo que nunca podemos justificar nossa culpa, que forçou o mesmo Deus a ter que tirar de si mesmo um portento portentoso que, em derramamento de compaixão sobre nossa miséria, é a Misericórdia infinita de Deus em manifestação de como é Amor que ama, querendo-nos remir da nossa maldade pelo sangue do Cordeiro que tira os pecados do mundo.

Não há nada que possa justificar a rebelião contra Deus, ainda que suas conseqüências sejam muito gloriosas para nós, e a Ele essencialmente não tiram nem aumentam nada: mil vezes morrer antes que ofender a Deus!

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia! Eu te amo! Eu te adoro!

Mas teria preferido meu amor por Ti vagar, em meu peregrinar carregado de penas, sem tua amorosa e inefável companhia, antes que ver-te maltratado, crucificado e morto no patíbulo da cruz; abandonado por todos, e no olvido em que te encontras pela maioria dos

teus filhos, depois de ter instituído o grande portento da Eucaristia, como manifestação majestosa e esplendorosa em esbanjamento do amor com que nos amas; e ter-te que ver profanado e tão sacrilegamente tratado pela maldade miserável dos homens, pelos quais, em crucificação cruenta, derramaste todo o teu sangue.

Bem-aventurada eu, com a carga dos meus pecados, por tal Redentor! Mas, apetece-lhe mais ao amor que tenho por ti, meu Jesus do Calvário e da Eucaristia, que criatura alguma nunca tivesse rebelado contra a tua Santidade infinita, e que te forçou, para a manifestação do teu infinito poder e o esplendor da tua glória, a realizar uma coisa tão maravilhosa para nós como dramática sobre Ti, para poder-nos remir dos nossos pecados, readaptando-nos aos planos eternos de Deus, que nos criou só e exclusivamente para que o possuíssemos, elevando-nos à dignidade inimaginável e insuspeitada de ser filhos seus, herdeiros da sua glória, e partícipes da vida divina.

O homem carnal que não conhece Deus nem a magnificência da majestade e esplendor da sua glória, não pode compreender, e parecer-lhe-á desatino, o que hoje, dia do Imaculado Coração de Maria, minha alma penetrou; por um lado, cheia de agradecimento porque

«as misericórdias de Deus são eternas»¹ e não têm fim; e, por outro, dilacerada e dolorida porque a manifestação da Misericórdia infinita tenha tido que ser tão dramática, em reparação cruenta diante da Santidade do subsistente Ser ofendido, e a restauração da nossa rebelião contra o infinito e coeterno Criador.

Obrigada, Senhor!, porque «amando aos teus os amaste até o extremo e até o fim»² e ficaste conosco até a consumação dos tempos, como sustento de nossas almas, em comida e em bebida; para saciar a nossa fome e refrigerar a nossa sede pela saturação, em participação, da embriaguez da tua mesma divindade, em gozo gloriosíssimo e ditosíssimo de eternidade:

«Se alguém tem sede, venha a mim e beba, e quem vem a mim nunca mais terá fome, e Eu darei gratuitamente da fonte de água viva». Já que «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele, e Eu o ressuscitarei no último dia»³.

«Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te adoro!

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te amo!».

¹ Sl 135.

² Cf. Jo 13, 1.

³ Jo 7, 37b; Jo 6, 35; Ap 21, 6; Jo 6, 56. 54.

Humilhada e anonadada diante da miséria da minha ruindade, que tão descarada e desatinadamente, ao ofender-te, fez-te derramar todo teu sangue por todos e cada um dos homens, exclamo exultante de gozo no Espírito Santo:

em bem-aventurança converteu-se para mim a minha culpa pelo desbordamento do Amor infinito, derramando-se em compaixão misericordiosa sobre a baixeza da minha ruindade!, que fez exclamar Cristo, com os braços estendidos:

«Quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a mim»⁴.

Pelo que novamente lhe repito: Deus do meu coração, Senhor do Sacramento e meu Jesus do sacrário:

Obrigada por teres ficado na Eucaristia...!; eu, feita una com toda a minha descendência, te adoro!

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia...! «*eu*» *te adoramos!*

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia...!; Eu te adoro! e te agradeço, desde a baixeza da minha pequenez e a ruindade da minha miséria, quanto fizeste comigo em derramamento de amor misericordioso, lavando minha cul-

⁴ Jo 12, 32.

pa de forma que pudesse chegar a ser, terminado o peregrinar desta vida, na eternidade, em companhia de todos os Anjos e Santos de Deus, bem-aventurada diante da contemplação inefável da tua vida.

*Do livro «Frutos de oración»
(«Frutos de oração»)*

578. Quando Deus quer unir os homens consigo, se faz homem e, assim, Ele mesmo é a UNIÃO do homem com Deus, já que em Cristo está o Pai com o Espírito Santo, e n'Ele estão também todos os homens; os quais passam a viver com a Família Divina por meio do mistério pascal, que teve seu princípio no momento da Encarnação; realizando-se este mistério no seio de Maria, onde a *alma-Igreja*, pela sua inserção em Cristo, fica penetrada de divindade. (19-9-66)

580. É tão excelente a Santidade infinita de Deus, que, ao ser ultrajada, não havia possibilidade na criatura para repará-la dignamente; e Deus mesmo, ao encarnar-se, faz-se Resposta infinita de reparação, que ressarce e adora a sua santidade. (16-10-74)

581. Que alegria que, ainda que todos os homens disséssemos a Deus «não», Ele se fez seu Homem, e este foi tão rico, que o seu «sim» superou infinitamente os «não» de toda a humanidade! (19-1-67)

585. A morte de Jesus foi o supremo hino de adoração da criatura que, diante do Criador, responde em manifestação cruenta de reparação di-

zendo ao Deus três vezes Santo: Tu só és aquele que *te és*, e eu só sou por Ti, como homem. E ao carregar-se com os pecados de todos, morro em reconhecimento da tua excelência, e ressuscito em manifestação de que sou essa mesma excelência por mim mesmo reparada. (16-10-74)

586. O Verbo Encarnado, durante a sua vida mortal, era o Cristo carregado de penas que vivia de eternidade; e agora é o Cristo glorioso e eterno que contém também em sua alma a tragédia de todos os tempos. E, por isso, na plenitude do seu Sacerdócio, é o Cristo Grande que encerra em si o Céu e a terra, a eternidade e o tempo, a Divindade e a humanidade; *sendo-se* Ele em si mesmo o Glorificado e o Glorificador, o Adorado e a Adoração, a Reparação e o Reparado. (4-4-75)

587. Jesus, no céu, é a Adoração incruenta que, em retorno de amor, responde ao Amor infinito ultrajado por suas criaturas. (16-10-74)

590. No Sacrifício do altar, nos é dado todo o compêndio apertado do mistério do Homem-Deus na sua vida, morte e ressurreição; nos é dado também viver esse Sacrifício junto a Jesus, por Ele e n'Ele para a glória do Pai e bem de todos os homens, perpetuando-se-nos na Eucaristia a presença real de Cristo com tudo quanto é, vive e manifesta. (15-9-74)

« DEUS CONSOLA-ME SE SOFRO

Que seria da minha vida
sem meus tempos de Sacrário,
onde consolo as penas
do meu peito lacerado
desafogando as profundezas
de meus silêncios calados;
onde conto quanto encerro,
oculto e bem silenciado,
reclinando minha cabeça
no peito do meu Amado!

Ele me consola, se soffro,
sempre que corro a seu lado,
pois sabe de minhas vivências
ao longo dos anos.

Ele realiza quanto contenho
com seu toque de broca
e na exigência de vida
que imprime em mim seu contato.

Como se poderá viver
sem saboreamentos sagrados
de Deus, vivendo em mistério,
em encerros silenciados?

Minhas penas são tão profundas
como o silêncio que guardo,

rindo quando soluço
em trágico desamparo.

Silêncio de Eucaristia,
transcendência do humano,
contato com o Deus vivo
e recordação do passado...

Inéditas melodias
no meu peito destroçado
de tanto clamar gemendo
diante do toque do que amo...

Secretas são minhas vivências
em feridas de brocas,
porque, se Deus beija, pede
retorno de enamorado.

A quem contarei a profundidade
que oprimo quando não falo,
quando me afoga o martírio
de meu mistério encerrado?

Adoração é minha vida
que responde, em dom calado,
ao Amor dos meus amores
em meu sacrário apresado.

Encerro dos meus martírios...!,
abra o silêncio seu passo
para decifrar as penas
de meu caminhar penando.

O fruto das minhas conquistas
ficou de novo encerrado
atrás das notas do silêncio,
perdendo-se no passado.

De novo fechou a prova
os frutos de meus trabalhos. »

21-9-1974

15-9-1974

O CRISTO DE TODOS OS TEMPOS

Deus é infinitamente perfeito, e, pela perfeição da sua mesma natureza, tem em si, sido, possuído e terminado, quanto é e quanto vive na abrangência da sua eternidade.

A eternidade em Deus é o Ato infinitamente perfeito que, no compêndio da sua abrangência, contém encerrada toda a capacidade potencial de Deus na exuberância plena da sua inexaurível perfeição.

O tempo é a possibilidade que Deus deu à criatura para realizar uma coisa e levá-la a seu termo. E quando a perfeição de quem a realiza ou sua capacidade para realizá-la é maior, necessita de menos tempo para consumá-la.

Deus, que é a Perfeição infinita, não necessita, para ser quanto é em si, do tempo; porque, pela potência da sua perfeição abrangente, é capaz de ser quanto pode ser na realização plena da sua vida infinita, num ato consumado e terminado de eterna posse.

«Antes que os montes tivessem nascido
e fossem gerados a terra e o mundo,
desde sempre e para sempre
Tu és Deus»¹.

«Teu trono está firme desde a origem,
E desde sempre Tu existes»².

Pois, apesar de que Deus é infinitamente fecundo na diversidade de seus atributos, pela plenitude de quanto contém, também é infinitamente abrangido no compêndio apertado da sua riqueza. E assim vive toda a realidade do seu *ser-se* intercomunicação trinitária de vida de retorno, num ato Sapiencial de Amorosa Explicação, no mistério transcendente do seu eterno silêncio.

A perfeição do espírito abrange o compêndio de todos os tempos, mais ou menos, segundo a união ou participação que tenhamos da eternidade.

Cristo, em tudo quanto vive e faz, é a mais perfeita imagem, como criatura, da Perfeição infinita. Pelo que é capaz de conter em si, e no mesmo instante da Encarnação, todo o plano de Deus com relação às criaturas, terminado e abrangido, ainda que, para a manifestação desse plano e para a nossa captação do mesmo, se servisse do tempo.

¹ Sl 89, 2.

² Sl 92, 2.

«O mistério da sua vontade é recapitular todas as coisas em Cristo»³. «Eu sou Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim»⁴.

Quando quis manifestar-nos seu amor eterno, fez-se Caminho e, ensinando-nos a sua Verdade, conduz-nos palpavelmente à Vida. E para isso escolheu o tempo que Ele creu necessário a fim de que nossa capacidade pudesse compreender o plano da sua infinita misericórdia em derramamento sobre nós.

Servindo-se do tempo, entregou-se a nós em Belém como expressão palpável do seu amor, ensinou-nos com seu exemplo e sua palavra, morreu na cruz e ressuscitou, manifestando-nos também que Ele era a Ressurreição e a Vida que nos levava ao Seio do Pai.

Querendo estar conosco quanto durem os séculos, ficou na Eucaristia como expressão máxima da sua entrega paternal em romance de amor: «Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim»⁵; e, no dia do Juízo universal, virá a levar-nos para que contemplemos a glória do Filho do Homem em seu triunfo sobre toda a criação: «Virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde Eu estiver, estejais vós também»⁶.

³ Ef 1, 9-10.

⁵ Jo 13, 1.

⁴ Ap 22, 13.

⁶ Jo 14, 3.

Jesus é em si a abrangência consumada e terminada de todo o plano divino com relação ao homem; sendo, diante de Deus, a glorificação perfeita do homem ao mesmo Deus, e, diante dos homens, a expressão do infinito Amor em derramamento sobre eles. Pelo que toda esta realidade que Cristo encerra, não só é vivida por Ele, mas manifestada para que a vivamos.

No instante da Encarnação, a alma de Cristo, pela grandeza da sua perfeição, foi capaz de viver, conter e abranger, na experiência saboreável ou dolorosa do seu ser, toda a sua postura sacerdotal de recepção do Infinito e de resposta em retorno ao mesmo Infinito; de Receptor da doação de Deus para todos os homens, e de Recompilador de todos eles em si, sendo a Resposta de todo o criado diante da Santidade eterna.

Não sei se poderei dizer, através das minhas pobrezinhas palavras e das minhas limitadas expressões, o compêndio apertado que meu espírito, introduzido pela mão amorosa de Maria no mistério da Encarnação, descobre da perfeição que Cristo é em si pela abrangência de todo o plano de Deus que, n'Ele e por Ele, é realizado com relação ao mesmo Deus e aos homens.

Quando meu pequenino ser não sabe nem pode decifrar as grandezas que, ultrapassando minhas capacidades, eu descubro do Eterno em

seu *ser-se* e em seu atuar, caio em adoração, e, trêmula de amor, aderindo-me a Cristo, intento, unida a Ele, adorar, responder e glorificar a Deus na diminuta capacidade de minha pequenez.

Assim como nossa mente, sem ser introduzida por Deus, não pode saborear desfrutavelmente a penetração do atributo da eternidade, por estar este infinitamente distante da possibilidade da nossa captação, assim tampouco podemos entender que Cristo, pela grandeza da sua perfeição, como criatura criada à imagem da eternidade e como expressão dela mesma, seja capaz de viver num instante o compêndio apertado da sua postura sacerdotal na abrangência completa de tudo quanto encerra, segundo a plenitude que seu Sacerdócio deu-lhe na Encarnação.

Cristo abrangeu em seu espírito todos os tempos de todos os homens, vivendo com todos e cada um deles em todas e em cada uma das suas circunstâncias. E assim como para manifestar-nos a realidade apertada que Ele continha de amor, de entrega, de ensino, de doação, de imolação em necessidade de glorificar o Pai e dar-se aos homens, serviu-se de trinta e três anos, para trasladar-se ao nosso tempo, viver conosco e fazer-nos viver com Ele, serviu-se da

Igreja, a qual, enxertando-nos em Cristo, através da Liturgia, faz-nos viver, por meio da fé, da esperança e da caridade, a realidade plena do Verbo infinito Encarnado, em seu ser e em seu atuar.

E, no Sacrifício do altar, dá-se a nós todo o mistério de Cristo em sua vida, morte e ressurreição, nos é dado também viver esse Sacrifício junto a Cristo, por Ele e n'Ele, para a glória do Pai e bem de todos os homens, perpetuando-se-nos na Eucaristia a presença real do Verbo Encarnado com tudo quanto é, vive e manifesta.

Ó mistério maravilhoso da perfeição de Cristo, que é capaz de realizar o irrealizável para o homem!, fazendo possível que eu, no meu tempo, no Sacrifício do altar, viva o mesmo que viveram aqueles que estiveram com o Verbo feito Homem.

E é tão esplendorosa a doação infinita de Deus em derramamento de amor para mim, que, durante todas as Missas de todo meu tempo, aquela realidade, misteriosamente, é realizada para mim através da Liturgia. E eu, quando estou com Jesus no sacrário, pelo poder da sua graça, vivo da maneira que Ele viveu comigo durante seus trinta e três anos, na manifestação do seu gozo e da sua pena, da sua entrega e do seu amor. Mais ainda, meus tempos de Sacrário, em minha vida de fé, são a realização daquele

tempo de Cristo no meu tempo, que me faz capaz de viver o tempo de Cristo diante do meu sacrário: «E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos»⁷.

É tão grande a riqueza da Igreja, tão forte o poder da graça que, através dela, em nós se realiza, que, assim como na eternidade, pela magnificência da sua plenitude, não necessitamos do tempo nem existe a distância para que vivamos Deus, apesar de ser a infinita Perfeição de inexaurível realidade; assim, pela perfeição do mistério da Igreja, manifestação expressiva de Deus, para viver em qualquer momento da nossa vida todo o compêndio apertado e pleno da riqueza que em si contém, tampouco o tempo nem a distância são impedimento. Já que o mistério que a Igreja encerra não é um mistério de recordação, mas de realidade viva e vivente que, prescindindo do tempo e da distância, está remansado em seu seio para que venhamos a abeberar-nos nas suas fontes como e quando nossa *alma-Igreja* o necessite para a plenitude das nossas ânsias.

O tempo, como dizíamos no início, é o meio do qual nos servimos para conseguir uma coisa; quando o que queremos realizar está terminado no aperfeiçoamento de quanto é, mostra-se ou dá-se na consumação da sua perfeição.

⁷ Mt 28, 20.

Assim o mistério de Cristo, com toda a sua realidade, mantém-se na Igreja, terminado em sua infinita perfeição, e é mostrado e comunicado aos homens no tempo ou circunstância que cada um de nós, introduzidos no seio da mesma Igreja, necessitamos vivê-lo e possuí-lo.

A Igreja é ânfora preciosa repleta de Divindade, que contém todo o mistério de Deus em si e todo o mistério de Deus com relação a nós, que, vivido e comunicado por Cristo, faz-se realidade para nós pela nossa inserção n'Ele, em todos e em cada um dos momentos da nossa vida.

Eu, por ser Igreja, estou enxertada em Cristo em todos e cada um dos mistérios da sua vida, que eu vivo em meu espírito com mais ou menos profundidade, com mais ou menos participação, segundo a minha fé, esperança e caridade façam-no presente. E por Ele estou enxertada também com o Pai e o Espírito Santo e com todos os homens de todos os tempos.

E assim como Cristo durante os seus trinta e três anos viveu realmente a minha vida, carregando os pecados que eu cometera depois de vinte séculos e apresentando-se com eles diante do Pai como realidade presente —«sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo»⁸—, eu também, quando enxerta-

⁸ 1 Pd 2, 24.

da em Cristo apresento-me diante do Pai, não me apresento com um Cristo de lembrança, mas com o Cristo vivente que, no seio da Igreja, ao conter em seu tempo toda a minha realidade, me faz viver, no meu, toda a sua.

Cristo viveu comigo e eu vivo d'Ele. Tiremos os séculos que separam a sua vida da minha, e só fica a sua união comigo e a minha inserção n'Ele; e, feitos uma coisa no amor do Espírito Santo, Ele se dá a mim tal qual é em seu tempo e no meu, e eu me dou a Ele também em seu tempo e no meu com tudo o que sou.

Cristo é o Ungido de Deus por todos os séculos; e esse Ungido de Deus é unção plena de toda a sua realidade para mim no meu século e no meu tempo: «Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder»⁹. O que me separa da posse da eternidade é o tempo que me falta para encontrá-la; mas, para viver o mistério de Deus na Igreja, não existe mais distância que o pecado. Desaparecido este, não há impedimentos, e a vida da graça me faz capaz de viver o mistério de Deus em si e conosco, através de Cristo.

Durante os seus trinta e três anos, Jesus foi o Cristo palpavelmente carregado de penas,

⁹ At 10, 38.

que, em imolação, vivia em seu espírito também de eternidade; e, em meu tempo, é o Cristo glorioso que, unindo-me a Ele pela fé e vindo a mim através da Liturgia, faz-me viver da sua imolação dolorosa, da sua petição sangrenta e da sua imolação calada.

Jesus é a Glória infinita do Pai, por sua Pessoa divina, e é o Adorador perfeito dessa mesma Glória, na sua natureza humana; pelo que Ele encerra na sua realidade o Céu e a terra, a criatura e o Criador, o homem e Deus, a eternidade e o tempo. E, ao ser Ele, na sua natureza humana, a imagem ou a expressão mais perfeita de Deus em todos os seus atributos e perfeições, foi capaz de viver em seu espírito, ao mesmo tempo e de modo perfeitíssimo, a glória da eternidade e a abrangência da sua mesma vida e a de todos os homens. «Ele é a Imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda criatura... Ele é o princípio... Ele é o primeiro em tudo, pois n'Ele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude»¹⁰.

Cristo recolheu em sua vida todos os tempos reduzindo-os a trinta e três anos, porque Ele é a capacidade abrangente de todos eles. Servindo-se dos seus trinta e três anos, foi e manifestou-se como o Cristo carregado de penas que, chegando à imolação cruenta, vivia ao mesmo

¹⁰ Cl 1, 15. 18-19.

tempo de eternidade; e durante todos os demais tempos que Ele foi capaz de conter em si pela perfeição do seu ser, manifesta-se-nos através da Liturgia como o Cristo glorioso que contém em si a imolação da sua mesma vida com a realidade vivente de todos os homens.

Jesus é abrangência de todos os tempos em diversidade de circunstâncias; e assim como os Apóstolos viram-no cruentamente padecer, sendo a Glória do Pai, nós o vemos agora gloriosamente gozar, sendo a Vítima imolada. Mas é um mesmo Cristo, que, abrangendo os tempos com todas as suas circunstâncias, faz-se a nós presente ou patente de uma ou de outra maneira, contendo em si toda a sua riquíssima realidade.

«É Ele o esplendor da sua glória e a Expressão do seu Ser. E depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da Majestade. Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; Ele o será para a eternidade»¹¹.

Porque não podemos duvidar que, quando Cristo manifestou-se aos Apóstolos no Tabor, aparecendo com a luminosidade da sua glória, não por isso deixou de ser a Vítima que encerrava em seu coração a tragédia, carregada de penas, de todos os homens; como tampouco o dia

¹¹ Hb 1, 3; 13, 8.

do seu triunfo universal deixará de ser o Sacerdote oferecido ao Pai pela salvação de todos. Pelo que, quando eu, em meus tempos de sacrário, escuto o lamento de Jesus que, penando, pede-me amor e reparação, não vivo de uma lembrança nem de uma imaginação passada, mas da realidade que Cristo, com relação a mim, viveu no tempo da sua manifestação —«Vi um Cordeiro. Estava de pé, como que imolado»¹²—.

Quando eu oro aos pés do sacrário, estou com Cristo como é: com sua vida, morte e ressurreição, com suas tragédias e suas penas, suas glórias e suas alegrias; vivendo-o na possibilidade que o tempo a mim me deu. E esta possibilidade, por perfeição do derramamento do Amor infinito, me é tão real, tão total, tão íntegra e tão acabada, que tudo o que aqueles que estiveram com Jesus viveram no seu tempo, eu o vivo no meu. O mesmo, nem um pouquinho mais, nem um pouquinho menos, já que Jesus é o Cristo de todos os tempos, que se manifestou num tempo, mas que perpetuou-se em todos os séculos tal qual é pela perfeição da sua esplendidez.

O que acontece é que, assim como nossa mente não é capaz de captar que toda a realidade infinita do infinito Ser, no apertamento coeterno da Família Divina, seja vivida, por per-

¹² Ap 5, 6.

feição da sua natureza, num só ato de ser, tampouco somos capazes de compreender, nem sequer vislumbrar, o modo esplêndido com que a magnificência de Deus nos faz vivível, captável e real, através do mistério da Igreja, toda a vida, morte e ressurreição de Cristo.

Quando estou diante do sacrário, estou com Cristo tal qual é. Sei que agora é glorioso e está no Seio do Pai vivendo comigo toda a realidade sangrenta que, em seu tempo, vivendo Ele este instante, realizou para mim. E umas vezes desfruto com a sua glória, e outras sofro com o seu penar; com o penar que Cristo, ao viver minha realidade, meu tempo e minhas circunstâncias, padeceu; respondendo-lhe na necessidade que, diante do seu viver Ele comigo, eu tenho de viver com Ele; «Pois todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha»¹³.

A fé está por cima do tempo; e a Liturgia, assenhoreando-se de todas as circunstâncias, é tão rica e tão extensiva, que não só translada Cristo ao meu tempo, mas que a mim me translada ao seu; pelo que a Eucaristia é uma expressão vivente do Semtempo, em manifestação de amor eterno aos homens.

Aquele tempo conteve Cristo imolado palpavelmente, vivendo de eternidade; e este tem-

¹³ 1 Cor 11, 26.

po a mim me dá Cristo glorioso sendo a Vítima imaculada. E quando eu, pela perfeição abrangente da minha vida de fé, para receber o mistério de Cristo, ponho-me diante d'Ele, prescindindo do tempo e, olhando-o fixamente, vivo quanto é, na maneira pequenina que minha capacidade me dá; mas, mais ou menos abrangentemente, mais ou menos realmente, segundo a participação que a vida da graça a mim me proporciona em vivência saboreável dos mistérios de Deus.

Uma vez que eu compreendi, no meu modo pequenino de captar, algo da excelência da eternidade, e algo também da perfeição expressiva de Cristo manifestando o atributo da eternidade em sua maneira de dar-se-nos, para mim o tempo passou a ser como o eco que um sino poderia deixar depois de retinir. Não existe o tempo para mim; só existe Deus e seu plano, vivendo Ele sua realidade comigo e eu minha realidade com Ele.

Alma querida, tira da tua captação, na maneira que possas, tudo o que te separe da vida de Cristo. Corta o tempo, se podes, na tua imaginação, como cortarias a soga que vai desde o fundo até o parapeito de um poço; tira a soga, pega o cântaro com a mão, e diz-me que coisa te separa dele.

Deus submeteu-se ao tempo, mas o seu amor infinito foi tão grande e tão perfeito na doação da sua entrega, que, por meio da Liturgia, uniu misteriosamente nossas vidas à de Cristo. Pelo que eu não necessito de nada para saciar minha sede diretamente no para-peito do Jorro da Vida, mas que abebero-me em suas águas, fartando-me em seus mananciais com a mesma fluidez, frescor e vitalidade que os que estiveram com Jesus, porque eu experimento que estou com Cristo do mesmo modo que eles, e que Ele está comigo como com eles. Sinto o frescor da Palavra infinita Encarnada, o latejar do seu coração, o palpitar do seu peito, a carícia do seu olhar, o queixume da sua agonia, o penar da sua solidão, a dor diante da incompreensão dos que não o querem receber...; e escuto, na amargura do meu peito dolorido, as chicotadas dos açoites, o ranger da coroação de espinhos, a desolação da traição de Judas. O que viverá Cristo que eu não viva com Ele, prescindindo do tempo, no compêndio apertado da sua perfeição e na captação do meu amor que, em resposta, entrega-se como pode...!

O tempo não é mais que uma zombadora gargalhada que intenta destruir e deixar só na lembrança a realidade viva e vivente da manifestação palpável do amor infinito de Deus para com o homem, que, em todos e em cada um

dos momentos da nossa vida, se dá a nós no seio da Igreja pela força do seu poder.

Jesus, no sacrário, é o Cristo do Pai que contém em si o Céu e a terra, o divino e o humano, a vida e até a morte, o gozo e a dor; e isso o é para mim tal como o é na maneira riquíssima e esplendorosa, magnífica e esplêndida que Ele tem pela perfeição apertada da sua abrangência de ser, «a plenitude daquele que plenifica tudo em todos»¹⁴.

Em meus tempos de Sacrário, junto às «portas da eternidade», mostra-se-me a Glória do Pai, a Figura da substância do Eterno em Expressão canora, que é o Verbo. E em meus tempos de Sacrário também, junto às «portas da eternidade», pela manifestação do esplendor da glória de Deus, dá-se-me Cristo carregado de penas e sofrendo, reclamando meu coração para apagar sua sede, pedindo-me a minha entrega para calmar suas ânsias, e dizendo-me seus penares para que o console.

A *alma-Igreja* é tão grande, tanto, tanto!, que, pela sua inserção no Sumo e Eterno Sacerdote, como membro do Corpo Místico, vive com Ele e n'Ele todo o mistério da sua vida, morte e ressurreição, junto com todos os homens que, enxertados em Cristo, são membros seus; os quais,

¹⁴ Ef 1, 23.

por sua vez, misteriosamente unidos com as outras almas, possuem toda esta grande maravilha e esplendorosa realidade. Que grande é ser Igreja e que poucos o sabem!

Quando Cristo une-me a Ele pelo mistério da Encarnação em seu tempo, e une-se a mim no meu através do batismo, ao ficar enxertada n'Ele, passo a ser membro do seu Corpo, do qual Ele é a Cabeça; desaparecendo, pela vida de graça, os impedimentos do tempo para viver a realidade do Sumo e Eterno Sacerdote na plenitude de quanto é, vive e manifesta.

Mas, ainda mais. Quando sou consciente da minha realidade, sinto em mim as dores de Cristo que me crucificam, o abandono do seu Getsêmani, passando a ser a sua vida a minha vida; pelo que os seus sentimentos, as suas apetências, as suas urgências e ainda as suas glórias, passam participativamente à medula do meu coração, podendo dizer com São Paulo: «Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim»¹⁵. Ele vive em mim e eu n'Ele. Por isso, a sua glória é a minha glória, a sua pena é o meu morrer, e, impregnada pelo palpitar da Igreja, que, no compêndio de todos seus membros, é o Corpo místico de Cristo, necessito ser eucaristia, ação de graças, adoração a Deus, doação a todos os homens

¹⁵ Gl 2, 20.

para ser comida por todos, almejando ser toda para todos e que todos sejamos um na caridade do mesmo Espírito Santo.

E assim como, para participar das divinas Pessoas, eu não tenho que ir para a eternidade, porque Deus veio comigo introduzindo-me n'Ele, que é a Eternidade, assim, para viver Cristo, eu não necessito transladar-me a seus trinta e três anos, porque Ele, superando o tempo por meio do mistério da Igreja, veio a mim com todo o compêndio apertado da sua realidade misteriosa.

Aonde tem uma alma que o tempo seja capaz de separá-la de mim? O espírito, unido a Deus, é abrangedor de todas estas realidades; pelo que, na participação do mesmo Infinito, eu estou no seio de Deus, vivendo com Cristo na união do Espírito Santo, com todos os homens.

«Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um: Eu neles e Tu em mim, para que assim eles cheguem à unidade perfeita»¹⁶.

Ai se os homens vivêssemos de Deus..., se transcendêssemos os conceitos criados..., se saboreássemos os eternos, fazendo-nos capazes de captar a transcendente transcendência de todos eles...!

¹⁶ Jo 17, 22-23.

Aonde tem criatura, tempo nem distância, que possa separar-me nem um ápice do Verbo infinito Encarnado, em quanto é, vive e realiza? Só meu «não» ao plano divino abriria uma distância e talvez um abismo insondável entre Ele e eu; mas, na medida em que sou adesão, o mais perfeitamente que posso, ao derramamento infinito de sua divina vontade sobre mim, nessa mesma medida Ele e eu somos um na união do Espírito Santo.

Alma querida, qualquer que sejas dentro do seio largo da Santa Mãe Igreja, vive a tua realidade de membro do Corpo místico de Cristo, assimila todos os movimentos da alma de Jesus, e tem a segurança de que, no compêndio apertado que te dá o teu *ser de Igreja*, irás descobrindo a simplicidade esmagante, vivificadora e captável de todo o plano de Deus, através de Cristo, para com o homem.

Eu sinto-me o «Eco da minha Igreja», porque todo o palpitar do seu coração –que é Cristo vivendo com ela– é recolhido em meu peito e repetido na diminuta capacidade da minha vibração pelo impulso do Amor infinito, que, sendo meu Esposo divino, faz-me romper também, como fruto do seu amor, em derramamento de maternidade espiritual.

Filho da minha *alma-Igreja*, escuta o gemitivo do meu coração: entra na profundidade pro-

funda do peito de Cristo, recebe o palpitar do seu doloroso Getsêmani prescindindo do tempo e circunstâncias que te rodeiam. Porque para o cristão, na dimensão da sua capacidade, não existe o tempo nem a distância, sendo, com Cristo, universal, à imagem e reflexo da perfeição de Deus que manifesta o atributo da eternidade em Cristo, e que, por Ele e n'Ele, o faz repercutir em todos seus membros.

10-9-1976

**É MINHA VIDA
BUSCAR O AMOR
SEM CANSAR-ME**

Eu te busco nas minhas ânsias de amar, meu Senhor, porque anelo ter-te sem véus, em tua entranha; descansando em teu peito bendito em minhas noites, que são longas, profundas, secretas, caladas...

Se o silêncio me envolve, meu Dono, eu te chamo na minha profundidade em teu seio, e te encontro.

É tão doce a tua voz em meu ouvido, com candentes palavras...!

É teu rosto sereno, tão divino e sagrado, sem sabê-lo expressar com meu acento...!

Se apercebo teu passo, quando vens a mim cativado, acendem-se em mim meus fogos em romances lacrados.

Amador da minha vida, se na ferida sangrenta do teu peito, repouso contigo [...]¹, adorante,

¹ Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

comprazido me olhas, porque «assim» Tu me pedes que me acerque ao sacrário, a Ti unida.

Eu te busco nas minhas horas caladas e carregadas de dons, e te chamo em ternuras de doces clamores; e acendo-me em saudades, que são petições de encontros, em beijares de glória com a luz dos teus Sóis.

Muitas vezes te ouvi, Lutador de conquistas carregado, pronunciar em minha alma tuas palavras eternas, exigindo meu dom sem olhá-lo; sem pensar qual seja este, se me agrada ou me custa lográ-lo...

Tu não pedes, meu Dono, mais do que aquilo que dás em amor entregado!

Se me acerco ao teu seio bendito, na excelsa morada da tua alteza infinita, Tu te inclinas a mim; e ali dentro, desde o *Sancta Sanctorum* da tua imensa excelência, me reclamas que entre em teu Seio, apoiada na tua força; e me mostras mistérios que não é dado saber a homem nenhum, sem subir à altura intangível do teu ser, em fogueiras coeternas de excelentes segredos...

Ao oceano excelso do teu imenso poder me levaste, sem saber como foi, atrás de um vôo.

E ali soube, sem maneiras de cá, com teu modo de lá, o profundo saber do teu encerro:

Sapiencial Expressão pronunciavas, ó Pai!, em tua só Palavra de divinos cantares...!

Que romances mais doces eu escutei em teus umbrais...!: Melodias eternas em fluentes amores de filial complacência, triunfais!

Ó que Amor ressurgia em beijar de Coeterno, em descanso amoroso de Família, num Beijo...!

Já não importa se fico em silêncio aqui embaixo; pois, depois de saber-te em tua alteza, fiquei angustiada, esperando, sem cansar-me em minhas penas, que me leves, no dia do teu eterno querer, ali dentro, de novo.

Se me acerco ao sacrário e te olho arquejante em saudades de amores, Tu me convidas para que descanse contigo, meu Eterno; e ali ouço a mesma Harmonia que, em divinos acentos, refulgente de glória, eu vivesse em meus dias de céu...

E se olho ao meu Cristo chagado, na cruz por amores morrendo, eu compreendo que Ele é a Glória de Resposta adequada ao Excelso, respondendo à Alteza infinita desde o solo...

E apercebo também que o Amor me reclama morrendo: que me entregue, sem nada querer, sem buscar mais que ser, a seu lado, «assim» una com Ele, como Igreja que clama em desterro.

É minha Igreja o Cristo bendito de todos os tempos, abarcando em seu seio o mesmo Deus e todos os homens, num modo tão belo, que, em romances de eternas conquistas, repete-me, nas notas que envolve o mistério, o viver do Deus vivo, por amores rebentando de amor, e pendurado morrendo.

Se te busco, meu Deus, eu te encontro também, com profundezas secretas de divinos anelos, ali dentro no seio materno da Virgem bendita; que, de tanto ser Virgem, foi beijada na sua entranha com um Beijo tão bom, divino e eterno, que a fez ser Mãe do Ungido de Deus; a quem Ela chama Filho meu!, com pleno direito.

É minha vida buscar sem cansar-me, esperando, angustiada em meus vãos, os encontros de ternos amores que por acaso são-me dados quando menos o penso.

Meu viver é chamar em anelos carregados e selados por profundos silêncios; e é saber que me escuta o Deus vivo e inclina-se para mim, para elevar-me para Ele, abaixando a sua altura até o solo...

E tremendo de amores, conhecendo o mistério, choro e rio, em contrastes carregados, em meu caminhar para o céu.

Sou estranha e distinta de todos aqueles que caminham comigo feitos um, sem querer mais que Deus, sem buscar mais que ser-lhe descanso e consolo.

Sou feliz em minha espera, porque vivo «assim» onde quero; já que só desejo estar sempre no centro do querer do meu Sol, ainda que seja em desterro...!

Se o chamo, me responde; se o busco, o encontro; se me lanço para o Ser, Ele me adentra em seu seio; e se venho ao Sacrário ou a meu Cristo na cruz, sempre alcanço a quem espero...!

E se chamo minha Mãe com ternuras inéditas, como o faria o pequenino, me aconchega em sua entranha e me diz, com palavras cadentes de profundos acentos, que Ela é Mãe ao ser Virgem e por sê-lo, no Beijo infinito que, em arrulhos de amores, deu-lhe o Deus bom.

Hoje minha espera é pedir e ter, é buscar e encontrar em saudades descansando na luta de meu longo trajeto; porque Deus é meu Todo, e, ao tê-lo na sua vida, eu apeteço seu encontro no modo silente que, em clamores, chamo-o e tenho-o.

Amador dos meus dons, o buscar-te, com meu modo de ser, é encontro...!

991. Eu me sinto mais Igreja que alma e mais alma que corpo, experimentando, no profundo do meu interior, como uma nova vida que flui do peito de Deus ao meu espírito; vida que me faz exclamar com o Apóstolo: «Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim»¹. (25-4-78)

992. Por ser membro do Corpo Místico em sabboreamento de Igreja fecunda, experimento como meu viver é Cristo e Este crucificado; sendo Ele a Palavra que me ensina, o Caminho que me conduz e a Verdade que me penetra. (25-4-78)

994. A vida de Deus é uma comunicação amorosa de mútuo entendimento saboroso em beijo de amor. (13-11-78)

995. Nossa união com Cristo exige que pensemos e atuemos como Ele; e só na medida que vamos incorporando seu viver, Ele descansa na compenetração do nosso entendimento com o seu. (29-4-73)

¹ Gl 2, 20.

« PLENITUDE DE ASCENDIMENTO

Em meu pobre compreender,
prevejo, detrás do Mistério,
grandezas unsuspeitadas,
plenitude de ascendimento
na eterna posse
d'Aquele que É no seu interior.

Entendo, sem entender,
com meu pequeno conceito,
o imenso proceder
do Infinito e Eterno.

Enquanto maior concebo
a plenitude do Coeterno,
mais gozo diante do Sacrário
ao olhar seu abaixamento.

Deus é grande pelo seu *ser-se*
de inexaurível portento,
que pode ser quanto quer
—e seu querer é eterno—,
que não necessita coisas,
nem criaturas, nem tempo
para *ser-se* por si mesmo
seu subsistente Mistério.

Deus possui seu porquê,
tendo-se, em seu sê-lo,
infinitude de atributos
e capacidade de sê-lo.

Quando minha alma pequena
penetra o *Ser-se* em seu seio,
compreende, sem compreender,
em simples entendimento,
as grandezas daquele que É
na eternidade sem tempo,
por ter sua subsistência
em si mesmo e sem esforço.

Domínio d'Aquele que É!!
que abarca, num só tempo,
quanto é e quanto pode,
quanto sabe e quanto quer,
num só pensamento...

Que grande compreendo hoje
o Sacrário em seu mistério,
Jesus pregado na cruz,
a Encarnação entre véus,
Maria, Mãe de Deus,
criatura deste solo...!

Que grande aparece o Ser,
ao poder, por seu poder,
de tanto *ser-se* o Excelso,
ser criatura, ser Pão,
e, no seio de Maria,
constituir-se seu céu!

Segredos de eterno Ser,
que pode, porque é Imenso,
ser Deus e Homem ao mesmo tempo,

portento dos portentos!
É preciso saber o que é Deus,
para intuir o que é isto.

O Eterno que se encarna!,
silêncio de ascendimento,
Maria, Mãe de Deus!
E eu, que intuo o porquê
destes ocultos mistérios...!

Tempos grandes de Sacrário
diante das portas do céu!! »

28-5-1974

«*Frutos de oración*»

1.001. A cruz é o grande mistério de toda a minha vida. Mas eu amo meu Cristo, e Este crucificado, e sei bem onde e como espera-me em tudo e sempre! (13-11-76)

1.003. Minha *alma-Igreja* necessita ser Cristo; pelo que, na assimilação da sua vida, vivo do seu viver diante de Deus, gozando na infinita santidade do Coeterno, e imolando-me com Ele, por Ele e n'Ele, na dimensão da sua dupla faceta: a glória de Deus e a extensão do seu Reino. (15-10-74)

1.005. Quando estou na cruz, estou com Cristo; quando estou no Tabor, estou com Ele; e,

como meu viver é Cristo e meu palpitar, a sua vontade, sempre e em cada momento sou feliz; porque tendo Ele, tenho quanto pudesse necessitar na grande dimensão universal da minha *alma-Igreja*. (15-10-74)

« POR QUE ASSIM?

Um dia eu senti que me chamavas
por meu nome;
e em meu ser imprimiu-se tua Palavra,
que era eterna.
Busquei-te em minha vida solitária,
e encontrei-te.
Teu Beijo encravou-se em mim para sempre,
e fecundou-me.

Senti-me mãe de inumeráveis almas
para tua glória.
Tua luz inundava toda a minha vida
em teu fogo,
e, em tuas delícias, eu me recreava
no dia.
Mas se fez de noite e com tormenta,
que estremece.
Busquei-te em tua luz e em teu fogo,
e não estavas!
Chamei-te por teu nome eterno,
e não me respondeste!
Caiu a granizada e, com seu gelo,

fiquei gelada.

Gemo pelo dia do encontro,
e não chega!

E hoje quero perguntar-te:
por que, Amor?, e, até quando assim...? »

26-4-1967

« ÉS TU...? »

És Tu quem envolves minha noite?
És Tu quem ambientas minha vida?
És Tu?

És Tu quem alongas minha espera?
És Tu quem pedes minha luta?
És Tu?

És Tu quem prolongas minha prova?
És Tu quem alongas meus dias?
És Tu?

Se és Tu, meu Senhor, se és Tu,
eu te espero serena e tranqüila! »

12-9-1966

«*Frutos de oración*»

1.008. Por estar enxertada em Cristo, sou chamada a cantar com Ele a sua canção eterna, e por

Ele e n'Ele, a viver com o Pai e o Espírito Santo na congregação dos filhos de Deus. (14-4-67)

1.009. A *alma-Igreja* tem a mesma vida e missão universal que Jesus: dar a vida divina a todas as almas de todos os povos e de todos os tempos. (31-11-63)

1.018. Minha canção é amor que vai do seio do Pai ao Verbo, e do Verbo ao Pai; e nos Dois me abraso no Espírito Santo. Minha canção é amor que vai de Deus a Cristo e de Cristo à Maria. Minha canção é amor que vai de Jesus aos homens, com coração de Igreja e amor de Espírito Santo. (20-9-74)

1.023. Eu sou «o Eco» da minha Igreja, que tem que estar sempre repetindo a Voz que em si recebe; Voz que a Igreja tem em seu seio, que é o Verbo. Por isso eu não necessito nem tenho nada novo que dizer ou ensinar, não; eu sou só «o Eco», que se deixa ouvir em repercussão, do canto da Igreja. (20-4-64)

17-9-1972

ECO DA IGREJA

São tuas petições em meu peito ferido, como queimadas que, em ternas queixas, penetram a profundidade do meu coração...

Ouçõ teus lamentos, como vulcão aberto, que me manifestam sua desolação... Escuto rumores..., lamentos de angústia..., abandonos lentos..., profunda imolação...

É a minha Igreja que, envolta nas suas penas, descobre à minha alma, como Mãe amorosa, o comprimento imenso da sua grande missão...!

Ó, se eu pudesse romper a opressão e as estreitezas do meu seio ferido pelos alaridos que envolvo em soluços e oculto na profundidade do meu coração...!

Deus converteu-se dentro do meu peito em queixas profundas de uma petição. Secreta é a sua fala e terno seu acento, mas é perfurante como ferro pungente, ferindo minha entranha em cautério lento de uma imolação!

São suas petições palavras ocultas, são descobrimentos dos seus pensamentos e do plano imenso da Redenção... São sabedoria seus ter-

nos cautérios, que encham a profundeza do meu seio aberto, em colóquios ternos que são petição.

Ai, se eu expressasse de alguma maneira estas ressecações da minha abrangência...! Ai, se eu dissesse com minhas expressões a opressão imensa que envolvo em dor e, em silêncio, oculto, sob meu clamor...!

É meu seio ferido como vulcão aberto e como mananciais que se transbordaram fluindo em amor.

São as cataratas do meu peito em zelos tão incontidas!, tão irresistíveis!, que vivo morrendo pelos cativeiros de um quedo clamor.

É Palavra doce e em ternos colóquios a voz do Eterno; mas é tão pungente a sabedoria da sua Explicação!, que hoje, em ressecação por seus mananciais, abrasa-se a minha entranha com o fogo imenso do poder de Deus.

Ele pede em silêncio com clamor pungente, com cautérios profundos, como vulcão aberto pelo zelo ferido do seu coração.

Cala, alma querida!, não intentes de novo rasgar os segredos da tua imolação!

Se o silêncio é vida que envolve o mistério, o que importa que o homem não entenda o teu dom...?!

Cala, alma querida!, vive no teu silêncio só para Deus...

Queria expressar minhas ânsias, dizer meus clamores, manifestar de algum modo esta opressão apertada que aprisiona fortemente a medula do meu espírito...

Queria romper as cadeias que oprimem minha alma; dar liberdade à palavra abrasadora que, em cautérios de fogo, encerro no meu ser...

Queria, se pudesse!, romper em cantares que são alaridos da petição do Amor imenso; alaridos profundos em clamores de fogo, que expressassem a amargura torturante do meu coração lacerado pela petição avassaladora do imenso Poder...

«Ai daquele que cai nas mãos do Deus vivo»¹, e é escolhido para proclamar os ardores imensos da sua petição...!

Ai daquele que receba o impulso avassalador, infinito e eterno, da chama acendida da Boca de Iahweh, e aperceba palavras eternas em comunicação de Amigo..., e seja escolhido para ser o receptor na terra dos mistérios do Eterno...!

Ai de quem descubra os mistérios do Imenso, e seja enviado pelo infinito Poder a comunicá-los, como manifestação da Canção canora do Verbo entre os homens...!

Ai de quem oprime em seu peito os segredos do Amor...! Ai daquele que, diante da ple-

¹ Hb 10, 31.

nitudo d'Aquele que É, d'Aquele que *se É* por si mesmo Aquele que É eternamente, sente-se transbordado, superado, ultrapassado e sem poder conter a repleção insondável do Imenso em seu pequenino coração...!

Ai daquele...! Ai daquele...!

Se eu expressasse o que é a plenitude constante, profunda, prolongada, penetrante, que fere, perfurante, torturante e sobejante da infinitude do Ser, em petição de manifestação aos que, tendo olhos, não vêem, tendo ouvidos, não ouvem, tendo sentidos, não palpam...!

Se manifestasse a opressão apertada do vulcão fechado que vivo em minha profundidade...! Se eu decifrasse de algum modo a imolação sangrenta do meu seio oprimido...!

Se pudesse soletrar, ou pelo menos deixar transluzir, os martírios do meu silêncio diante da petição constante do Amor, que me impele com poderio eterno a lançar minha canção de Igreja viva e palpitante, a romper em expressões, a descrever, a manifestar os segredos da eterna Sabedoria, comunicados dia a dia, por anos e anos, ao «Eco» palpitante da sua canção sangrenta...!

Mas não...! Porque não tenho palavras para dizer meus vulcões...; porque não encontro maneira de romper com meus silêncios...; porque não descubro os corações abertos que eu

necessito para depositar neles a mensagem sangrenta da minha missão...

E por isso, a minha imolação, o meu silêncio, a minha tortura, os meus clamores, as minhas apetências, os meus fulgores, as minhas expressões, as minhas manifestações são cada dia mais fechadas, mais sangrentas, mais feridoras, mais envoltas no mistério.

E por isto, talvez, encontre-me mais incompreendida, caminhe mais sozinha, mais desterrada; experimente-me mais imolada e mais escondida, com mais ânsias de eternidade diante da petição clamorosa do Amor eterno, que se converte dentro do meu ser em tortura de silêncio, de desprezo por parte dos que não são Ele, e de espera...

Sempre, quando intento expressar minhas ânsias e manifestar de alguma maneira as luzes profundas de meus pensamentos, mais triste fico, mais sem expô-lo...;

mais profunda é a ferida do meu cativo!, mais sangrando em chaga!, e em mais opressão caminho na vida para o Dia eterno...

Deus sabe as ânsias do meu peito aberto, e os alaridos que contendo afundados detrás dos meus lamentos...; conhece as penas que envolvo em meu acento e minhas expressões, ainda que esteja em silêncio...

Ele sabe que morro atrás das petições dos seus pensamentos, que são como setas que vão traspassando as profundidades da minha entra-nha ferida, do meu peito em zelos!

Mas, quando Deus passa e o sinto em beijo, em carícias doces e em colóquios ternos; todos meus penares ficam impregnados com as claridades de um pressentimento...

São antecipações doces seu passo em meu seio, que me falam de glória, que me falam de céu, deixando-me cheia em gozos imensos!

E assim vago em vida entre os clamores ranguentes em zelos; que são poderios do poder potente de Deus; que são fogo, que são petições, que são requieimações e que são vulcões em gretas abertos...

Mas ao mesmo tempo, quando a opressão do meu peito ferido põe-me morrendo, Deus, como Pai bom, manifesta-se-me em beijo amoroso nos mananciais e nos frescores do seu amor eterno. E então as minhas penas trocam-se em gozos, em dias de glória, em luzes de céu, em sóis de vida e em festim de Eterno...

Por isso, em contrastes, vago em meu desterro, vivendo os modos que o Amor imprime dentro do meu peito.

Modos que são vida, ainda que sejam morte ou sejam-me céus... Modos tão distintos!,

modos tão diversos, que é Cristo glorioso e é Cristo morrendo, nas realidades do seu plano eterno...!

E assim, da minha maneira, vou manifestando, porque sou o «Eco», os penares profundos da minha Igreja, de Cristo morrendo, e as claridades do seu triunfo imenso...

Sou «Eco» de Igreja!, e por isso encerro, nas requeimas do meu ardente anelo, vozes do Deus vivo, clamores de inferno, martírios de morte e glórias de céu.

Sou o «Eco» ferido da Igreja em dó, que expresso as suas ânsias do modo que posso, e canto suas glórias dentro do meu seio em passo de Deus e em beijo de Imenso...

Sou «Eco» de Igreja...! Que mistério encerro...!

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

Coleção
Luz na noite
O mistério da fé
dado em sabedoria amorosa

N^o 4



Ediciones La Obra de la Iglesia